

JÓ

Um Estudo Sobre o Sofrimento do Justo

PR. JONH PIPER

POR BEATRIZ RUSTIGUEL DA SILVA



Hermenêutica

Baseado em sermão do pastor batista John Piper, do ministério Desiring God (<http://www.desiringgod.com>); Traduzido, revisado e editado por Beatriz Rustiguel da Silva.

*

Capa: Beatriz Rustiguel da Silva

Diagramação: Beatriz Rustiguel da Silva

*

TODOS os direitos reservados. Permitida a reprodução deste material de forma gratuita, sem modificações e citando o blog Hermeneutica Particular (<http://www.hermeneuticaparticular.com>).

*

Contatos:

<http://www.hermeneuticaparticular.com>

contato@hermeneuticaparticular.com

@Hermeneutica_P

Jó: reverência em meio ao sofrimento

Estudo de Jó (parte 1) - A resposta correta do justo ao sofrimento e a calamidade

Um dos meus deveres como seu pastor é pregar e orar de tal maneira que você esteja preparado na mente e no coração para não amaldiçoar a Deus no dia da sua calamidade. Mas, que você possa, em vez de amaldiçoar, adorar a Deus e abençoá-lo como o vosso Pai livre e soberano, não importa quão intensa ou profunda a dor que ele trouxer para sua vida.

A dor desconcertante e inesperada

Praticamente todos vamos experimentar uma calamidade amarga, mais cedo ou mais tarde, na vida. E, você pode anotar que, sem dúvida, a calamidade irá parecer ser algo absurdo, sem sentido e imerecido quando vier.

Você pode estar sentado em um restaurante em El Salvador ou a pé em uma rua de Paris ou fazendo uma conexão no vôo de Atenas. Você pode estar se barbeando e cantando um hino quando você começa a sentir o nódulo em seu pescoço. Você pode estar comprando a comida para a família, quando, de repente você percebe que seu filho de dois anos de idade, está desaparecido.

Parecerá muito absurdo, e você vai gritar: "Por quê?" uma centena de vezes antes que a nuvem desapareça de cima da sua cabeça. A maioria de nossa dor não vem claramente como um castigo pelos nossos pecados. A maior parte dela vem do nada e confunde nosso senso de justiça.

É por isso que o livro de Jó é tão relevante. O sofrimento de Jó parece vir do nada e não tem conexão com seu caráter. Sua história foi registrada para nós para que possamos ter alguma ajuda na vida no meio destas calamidades, e não apenas manter um senso de dignidade, mas para nos curvarmos de forma reverentemente e confiante diante da bondade soberana de Deus.

Hoje vamos olhar para a seção de Jó, que se estende até o capítulo 2:10. Vamos atravessá-la primeiro para obter uma visão geral e, em seguida, recuar e tirar algumas verdades úteis para as nossas vidas.

O caráter de Jó e suas bênçãos

O versículo 1 nos apresenta ao homem Jó e ao seu caráter. Ele era "íntegro e reto, temente a Deus, e afastava-se do mal". Se o sofrimento é concebido como um castigo para o mal, Jó não era um candidato provável. Ele se desviava do mal, porque ele temia a Deus. Ele perseguia o que era correto e evitava o mal. Sua reputação é inocente. Sua reverência a Deus governa tudo que ele fazia.

Os versículos 2-3 descrevem a forma como Deus o tinha abençoado em sua justiça. Ele tinha sete filhos, três filhas e um grande número de ovelhas e camelos, bois e servos. Ele foi o maior de todos os povos do oriente.

Os versículos 4-5 descrevem uma situação específica que mostra o temor que Jó tinha de Deus e a retidão em relação a seus filhos. Toda vez que seus filhos e filhas se reuniram para um banquete, Jó se levantava cedo na manhã seguinte e oferecia

holocaustos para cada um apenas no caso de algum deles tivesse pecado ou amaldiçoado Deus nos seus corações. Em outras palavras, ele era extremamente zeloso, pela honra do nome de Deus, para que não fosse profanado, e ele era extremamente vigilante para o bem de seus filhos, não querendo que qualquer um deles chegasse à ruína. Ele era um homem bom.

A calamidade de Jó

Em seguida, veio a calamidade. Vá até o versículo 13. Foi em um desses dias de festa, quando todos os dez de seus filhos estavam reunidos na casa do irmão mais velho. Primeiro (14-15) vem um mensageiro a Jó e lhe diz que os sabeus tinha atacado e roubado todos os seus bois e jumentos, e matado todos os servos com eles.

Então (v. 16) outro mensageiro chega e diz que o fogo de Deus caiu e destruiu todas as suas ovelhas e os servos com eles. Então (v. 17) outro mensageiro chega e diz que os caldeus invadiram o rebanho de camelos e levado todos eles e matou os servos. E, finalmente, (v. 18-19) vem a mensagem de que todos os seus filhos foram esmagados até a morte, quando um tornado provocou que a casa onde estavam desabasse.

Note-se que duas das calamidades foram causadas por homens maus, os sabeus (v. 15) e os caldeus (v. 17). E duas foram causadas pelo que chamaríamos de "atos de Deus", o fogo no versículo 16 e um tornado no versículo 19.

Um olhar para o céu para compreender os acontecimentos na Terra

Toda a prosperidade de Jó se foi em uma única tarde. Mas, o que está acontecendo aqui? Para ver o que está acontecendo, temos de olhar para fora do mundo. Este mundo sozinho nunca responde às grandes questões da vida. A resposta se encontra no céu. Assim, o escritor nos dá um vislumbre do céu para entender melhor o que está acontecendo na Terra.

Um encontro entre Deus e Satanás

Os versículos 6-12 descrevem um encontro entre Deus e Satanás. No versículo 7 Satanás diz que ele passa seu tempo indo para lá e para cá na terra. Então Deus coloca em exibição um troféu em que ele se deleita muito. Ele diz:

"Observaste tu a meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus, e que se desvia do mal."

É como se um ladrão de diamantes se encontrasse com o proprietário de uma joalheria tarde da noite. O proprietário diz: "O que você está fazendo?" E o ladrão responde: "Estou apenas passeando em sua loja." E, em seguida, o proprietário diz: "Você viu o nosso diamante mais precioso lá na frente?"

Deus coloca Jó em um problema

Agora eu quero descartar a possibilidade de que Deus é um trapalhão. Deus nunca diz, "Opa errei!". Isso nos deixa com uma possibilidade: Ele está criando um problema

para Jó. Ele está muito orgulhoso de Jó. O temor que Jó tem de Deus, encantou o Senhor de uma forma muito profunda.

Mas, Satanás não se impressiona. No versículo 9 ele insinua que Jó não é um exemplo tão grande de reverência para com Deus. Ele diz que o temor de Jó, para com Deus, é porque Deus o fez ficar rico. "Porventura teme Jó a Deus debalde?" Satanás insinuou que Jó teme a Deus, apenas porque isso vai significar riqueza, saúde e prosperidade, isso é tudo. E Satanás disse a Deus no versículo 11: "Mas estende a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face. "

Deus poderia ter dito: "Eu não preciso provar nada para você ou qualquer outra pessoa. Eu sei o que está no coração de meu servo Jó, e isso é suficiente para mim." Ele poderia ter, mas neste caso ele não o fez. Deus escolhe obter uma vitória sobre Satanás para a sua própria glória. Um teste vai mostrar que no coração de Jó o próprio Deus está em mais alta estima do que qualquer posse ou qualquer membro de sua família.

Então, Deus diz no versículo 12: "Eis que tudo quanto ele tem está na tua mão; somente contra ele não estendas a tua mão."

A resposta reverente de Jó

Em seguida, vêm as calamidades. Jó perde toda a sua riqueza e seus filhos. Que diabos está acontecendo? A resposta é que algo de imensa importância celestial está acontecendo. Deus está no processo de demonstração para as hostes celestiais (e quaisquer outros que têm olhos para ver) que ele próprio é o mais importante no coração de Jó.

A reverência de Jó não é mercenária, como se o próprio Deus não fosse de valor. Não, a reverência de Jó é baseada no valor de Deus por quem Deus é em si mesmo. A revelação desta verdade é tão importante que Deus está disposto a submeter o seu servo ao sofrimento e à pobreza, a fim de torná-la conhecida.

Os versículos 20-21 registram a vitória.

"Então Jó se levantou, e rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se lançou em terra, e adorou. E disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o SENHOR o deu, e o SENHOR o tomou: bendito seja o nome do SENHOR. "

Satanás provou estar errado. Jó não amaldiçoou a Deus quando ele perdeu sua riqueza e seus filhos. Ele adorou e ele louvou a Deus. E assim o valor superior de Deus tornou-se evidente para todos. E o propósito de Deus na criação de Jó foi cumprido, a revelação do valor de Deus.

A doença de Jó

Mas, assim como Jó estava se recuperando do choque de perder a sua riqueza e seus filhos, ele contrai uma doença fatal. Em 2:7-8 diz que foi ele angustiado "com úlceras malignas, desde a planta do pé até ao alto da cabeça. E Jó tomou um caco para se raspar com ele; e estava assentado no meio da cinza."

De acordo com Jó 07:05, ele estava coberto de furúnculos, como feridas que se abriram e corria com pus e depois ficou obstruído com sujeira e infestada de vermes. Não foi um caso leve de sarampo. Foi uma coisa horrível a partir do topo de sua cabeça até a planta de seus pés.

Outra visão do Céu

É esta a recompensa para resposta reverente de Jó, em relação a perda de seus filhos? Mais uma vez perguntamos: "O que está acontecendo aqui?" E mais uma vez a resposta não é dada no mundo, mas no céu.

Em 2:1-6 o Senhor coloca novamente Jó em exibição diante de Satanás. Versículo 3: "Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal, e que ainda retém a sua sinceridade, havendo-me tu incitado contra ele, para o consumir sem causa."

E novamente Satanás desafia a autenticidade da reverência de Jó. Ele diz que Jó só é reverente, porque Deus preserva sua saúde. O versículo 4 diz:

"Então Satanás respondeu ao SENHOR, e disse: Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida. Porém estende a tua mão, e toca-lhe nos ossos, e na carne, e verás se não blasfema contra ti na tua face!"

Então, novamente a dignidade de Deus é desafiada. É o próprio Deus que Jó adora ou é os prazeres terrenos da família, dos bens e da saúde? Jó tem mostrado que Deus é mais valioso para ele do que a família e os bens. Mas e sobre a saúde? Então, para mostrar que ele é o único tesouro de Jó, Deus dá o seu servo na mão de Satanás para a destruição de sua carne. Versículo 6: "Eis que ele está na tua mão; porém guarda a sua vida."

Em outras palavras, por trás dessas calamidades terrenas aparentemente absurdas, há transações celestiais de importância infinita. Quando Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev se encontraram para uma conferência, em Genebra, o mundo inteiro estava olhando, porque eles sabiam que essa conferência, devia ser sobre assuntos importantes. Quanto mais importante deve ser o assunto em jogo quando o próprio Deus se reúne para conversar com o seu arquiinimigo Satanás!

A demonstração do valor de Deus na fé e reverência de seu povo é a questão mais importante no mundo.

A vitória da fé de Jó

Mas, quando a saúde de Jó começa a falhar, isso prova ser demais para sua esposa. Ela tinha sofrido com ele a perda de seus filhos e de suas riquezas. Mas agora com a vida de seu marido se esvaindo deixando-a totalmente desamparada, a sua fé desmorona. Verso 9: "Então sua mulher lhe disse: "Ainda reténs a tua integridade? Amaldiçoa a Deus, e morre." Isso deve ter criado um sorriso esperançoso no rosto de Satanás.

Mas depois vem a vitória esmagadora da fé de Jó. No versículo 10, ele diz:

"Porém ele lhe disse: Como fala qualquer doida, falas tu; receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios."

Confortos e calamidades vêm das mãos de Deus. Essa confiança sólida, na soberania de Deus, Jó não abriu mão e nem devemos nós abrir mão!

Imagine Satanás no céu rodeado por 10.000 anjos aguardando a resposta de Jó. Então Jó responde, e, sem saber, 20 mil braços são levantados e 10.000 vozes poderosas gritam, "Digno é o Senhor Deus de Jó!" E o que Satanás faz? Ele foge da presença do louvor de Deus.

Você já se perguntou o que Pedro quis dizer quando disse (em 1 Pedro 5:8), "Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar; Ao qual resisti firmes na fé, sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo." ?

Ele quer dizer que quando você sofre, o caminho para resistir a Satanás é ser como Jó e manter a confiança na bondade livre e soberana de Deus, não para amaldiçoá-lo, mas para reverenciá-lo. Quando você assim o fizer, todo o céu grita a vitória e Satanás é derrotado. "Que aqueles que sofrem segundo a vontade de Deus, fazer o certo em confiar suas almas ao fiel Criador" (1 Pedro 4:19).

Agora vamos voltar e tirar do texto quatro verdades teológicas e três implicações pessoais.

Quatro verdades teológicas

1. O objetivo de Satanás é destruir a nossa alegria em Deus.

Ele usa duas armas: a dor e o prazer. Ele usa a dor para nos fazer sentir que Deus é impotente ou hostil. Ele usa o prazer para nos fazer sentir que Deus é supérfluo.

Ele falhou ao tentar afastar Jó de Deus nos dias de seu prazer e prosperidade. Então, ele ataca a alegria de Jó centrada em Deus através da dor. Ele falha novamente. Mas não há dúvida do que Satanás procura nossa vida: seu objetivo é destruir a nossa alegria em Deus e substituir o tesouro de Deus com os tesouros terrenos de riqueza, família e saúde.

2. Deus tem como objetivo ampliar o seu valor na vida de seu povo.

O grande objetivo de Deus na criação e redenção é preservar e mostrar o infinito valor da sua glória. A maneira como ele faz isso é através do resgate de um povo que o ama e se uni a ele e o adore acima de todos os tesouros e prazeres terrenos. O espelho que ele escolheu para a refletir seu valor é a alegria indestrutível de seu povo. Eles não vão trocá-lo por nada que este mundo pode oferecer.

3. Deus concede a Satanás poder limitado para causar dor.

Em 1:12 Deus diz a Satanás: "Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a tua mão." E em 2:06 Deus diz: "Eis que ele está em seu poder, apenas guarde sua vida."

Deus estabelece os limites do poder de Satanás para causar dor. Nossa Deus não é frustrado pelo poder e sutileza de Satanás. Satanás não pode fazer um movimento sem a permissão do Deus Todo-Poderoso. Ele pode ser um leão. Mas ele é um leão em uma coleira. E Deus tem as rédeas dele e lhe dá folga de acordo com seus propósitos de Deus soberano.

William Henry Green, em seu grande livro, 'O argumento do Livro de Jó revelado' (. 1874, reeditado 1977, James e Klock, pp 63f), diz de Satanás:

Com todo o seu ódio contra Deus e contra o seu povo, ele não pode emancipar-se do controle soberano, que o liga ao serviço de Deus. Em todos os seus desenhos blasfemos ele está, apesar de si mesmo, fazendo o trabalho de Deus. Em seus esforços rebeldes para destronar o Altíssimo, ele está realmente pagando-Lhe homenagem submissa.

Em mover céus e terra para realizar a perdição daqueles a quem Cristo redimiu, ele está na verdade equipando-os e preparando-os para a glória. Maligno como ele é, cheio de amargura e malignidade, e com toda intenção para o mal, ele é obrigado a ser o que ele mais detesta, e está sempre distante de suas intenções e desejos, servindo de forma útil e auxiliando os projetos de graça divina.

Assim como os filhos de Deus, que se reúnem na presença da infinita majestade para receber as comissões do Rei dos reis, prontos para realizar suas ordens e para executar a sua vontade, Satanás é, embora de forma relutante, e em um sentido diferente, um espírito que ministra aos que hão de herdar a salvação.

4. A obra de Satanás é, em última análise a obra de Deus.

Você notou que, nas duas cenas celestiais, Deus entregou Jó ao poder de Satanás? Mas, quando Satanás tinha feito seu trabalho de tirar a riqueza e a família de Jó, Jó disse em 1:21: "O Senhor o deu e o Senhor o tomou: bendito seja o nome do Senhor".

Jó diz que foi, em última análise o próprio Senhor que tirou sua família e riqueza. Em seguida, o escritor inspirado do livro faz um comentário para evitar um mal-entendido. Para que ninguém diga que Jó não deveria ter atribuído a obra de Satanás para Deus, ele escreve (v. 22), "Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma." Não é pecado dizer que o que Satanás fez, Deus fez em última instância, porque Deus reina sobre Satanás.

Da mesma forma na segunda cena celestial Deus diz (02:06) a Satanás: "Eis que ele está em seu poder, apenas guarde sua vida." Em seguida, o versículo 7 faz com que seja muito explícito que "Satanás saiu da presença do Senhor e afligiu Jó com feridas terríveis."

Mas, novamente no versículo 10 Jó diz: "Devemos receber o bem das mãos de Deus, e não receberemos o mal?" Em outras palavras Jó novamente reconhece a soberania de Deus sobre Satanás e diz que sua doença veio de Deus. Satanás pode ter sido a causa mais próxima, mas em última análise, é de Deus.

E mais uma vez o escritor inspirado nos adverte para não criticar Jó aqui. Ele escreve no final do versículo 10, "Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios." Não é um pecado dizer que uma doença que Satanás causou "vem do Senhor."

A rocha de refúgio para Jó e a esperança quando tudo parecia estar se desintegrando era a soberania absoluta de Deus. O que me leva, finalmente, para... .

Três implicações pessoais

1. Vamos nos juntar com Jó e afirmar com todos os nossos corações a soberania absoluta de Deus.

Digamos com o salmista (115:3), "Nosso Deus está nos céus; ele faz o que lhe agrada." Vamos dizer com Daniel (4:35), "Ele faz segundo a sua vontade no exército do céu e os moradores da terra, e ninguém pode deter a mão ou dizer-lhe: 'Que fazes?'" Vamos fazer a soberania absoluta de Deus a rocha sobre a qual construímos nossas vidas e nossa igreja.

2. Deixe suas lágrimas fluírem livremente quando sua calamidade vem.

"Então Jó se levantou, e rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se lançou em terra, e adorou" (1:20). Os soluços de tristeza e dor não são o sinal de incredulidade. Jó não conhece as declarações irreverentes, insensíveis, e superficiais de "Louvado seja Deus de qualquer maneira" como resposta ao sofrimento. A magnificência de seu culto é porque ele estava em luto, não porque ele substituiu a tristeza. Deixe suas lágrimas fluírem livremente quando sua calamidade vem. E que o resto de nós chore com os que choram.

3. Confie na bondade de Deus, e que ele seja o seu tesouro e sua alegria.

Mesmo se Deus tivesse deixado Satanás tirar a vida de Jó, nós sabemos o que Jó teria dito. Ele teria dito o Salmo 63:3, "A benignidade do Senhor é melhor que a vida."

Quando a sua calamidade vem, que o Senhor lhe dê a graça para afirmar a soberania de Deus, deixar suas lágrimas fluirem livremente, e deixar que o próprio Deus seja o seu tesouro e sua alegria. Amém!

Jó: lutando com o sofrimento

Estudo de Jó (parte 2)

Uma coisa é experimentar uma súbita tragédia - como a perda de um filho ou a descoberta de alguma doença temida em seu corpo. É outra coisa, bem diferente, experimentar a miséria contínua e implacável daquela perda por meses ou até mesmo anos.

Quando a miséria se arrasta por meses

Sabe-se de histórias em que mulheres levantaram automóveis que estavam esmagando seus maridos após acidentes e, posteriormente, entraram em colapso sob o choque do que aconteceu. Há uma contrapartida espiritual para este fenômeno físico. No momento do tumulto e da tragédia é dado a muitos a graça de suportar o peso com uma fé genuína. Mas, então, mais tarde, sob o peso implacável das consequências os mesmos valentes entram em colapso e em desespero.

Sabe-se de soldados que, após ter uma das pernas arrancadas por uma mina terrestre, voltaram correndo para local seguro, mas depois choraram como bebês com a dor da cirurgia e da reabilitação.

É uma coisa viver uma tragédia repentina. É outra coisa sofrer a mesma dor por semanas, meses e até anos.

Em apenas uma tarde Jó perdeu seus dez filhos e toda a sua riqueza. Pouco depois ele foi afligido com uma doença de pele horrível. Em ambas as tragédias ele manteve sua fé e reverenciou a mão soberana de Deus. Em 1:21, ele disse, "Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o SENHOR o deu, e o SENHOR o tomou: bendito seja o nome do SENHOR." Em 2:10 ele disse: "receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?" Ele confirmou o absoluto controle de Deus sobre todas as coisas, e ele curvou-se em submissão a esses golpes pesados que recebeu.

A Perda de Sarah Edwards

Jó fez o que Sarah Edwards fez quando ela recebeu a notícia de que seu marido Jonathan tinha morrido na idade de 54 anos depois de tomar uma vacina contra a varíola no mês seguinte de se tornar o presidente da faculdade de Princeton em 1758. Ela pegou a caneta e escreveu a sua filha Esther cujo marido Aaron Burr havia morrido seis meses antes:

Minha filha muito querida, o que hei-de dizer! Um Deus santo e bom nos cobriu com uma nuvem escura. Ó que nós possamos beijar a vara que nos açoita, e que possamos colocar nossas mãos sobre a boca! O Senhor fez isso. Ele me fez adorar a sua bondade, pois permitiu que nós tivéssemos seu pai por tanto tempo. Mas o meu Deus vive, e Ele é dono do meu coração. Ó que legado meu marido nos deixou! Somos todos submissos a Deus. Sua mãe carinhosa, Sarah Edwards. (O casamento com um homem difícil, por Elizabeth Dodds, p. 196)

Por que uma miséria tão longa para Jó?

Mas a fé e a reverência de Jó não foram recompensadas com uma rápida cura de sua doença. Ele diz em 7:2-3, "Como o servo que suspira pela sombra, e como o jornaleiro que espera pela sua paga, Assim me deram por herança meses de vaidade; e noites de trabalho me prepararam." A miséria de Jó se arrastava há meses.

Então, a questão agora é: Por quê? Jó não tinha mostrado que Deus era seu tesouro mais precioso, mais precioso do que a própria saúde? A honra de Deus havia sido confirmada. Então,

por que Deus não restaurou a sorte de Jó? Por que não pulamos diretamente para o capítulo 42, onde temos o final feliz?

A resposta é certamente que Jó tem muito ainda o que aprender sobre o sofrimento e sobre Deus. E aqueles dentre nós que tiveram que suportar meses de miséria iriam sentir que se a história se encerrasse no capítulo 2 seria ingênuo e pouco verdadeiro.

Os meses miseráveis de Jó

Então, vamos olhar juntos para os meses de sofrimento de Jó. Começamos em 2:11.

Quando Elifaz o teamanita, Bildade o suíta, e Zofar, o naamatita, três amigos de Jô, ouviram falar de todo este mal lhe havia acontecido, vieram visitá-lo. Eles combinaram de ir visitá-lo para se consoarem com ele e consolá-lo. E quando eles o avistaram de longe, não o reconheceram. Eles levantaram suas vozes e choraram, e rasgaram as suas vestes e jogaram pó sobre as suas cabeças clamando aos céus. E sentaram-se com ele na terra sete dias e sete noites, e ninguém falou uma palavra, pois viram que o seu sofrimento era muito grande.

Três momentos de conversa

Nos próximos 29 capítulos (até o capítulo 31) nos é mostrado o que estes três amigos têm a dizer sobre o sofrimento de Jó. Existem três momentos da conversa desses amigos.

Momento 1
Elifaz (cap. 4 e 5)
Jó (cap. 6 e 7)
Bildade (cap. 8)
Jó (cap. 9 e 10)
Zofar (cap. 11)
Jó (cap. 12 a 14)

Momento 2
Elifaz (cap. 15)
Jó (cap. 16 e 17)
Bildade (cap. 18)
Jó (cap. 19)
Zofar (cap. 20)
Jó (cap. 21)

Momento 3
Elifaz (cap. 22)
Jó (cap. 23 e 24)
Bildade (cap. 25)
Jó (cap. 26 a 31)
Zofar (cap. silêncio)

Com essas longas conversas devemos nos perguntar: o que o autor deste livro quer que a gente aprenda com os discursos dos três amigos e com as respostas de Jô? Como ele suporta mês após mês de miséria?

O primeiro momento de conversa começa por causa do desabafo de Jó

O que dá início aos discursos dos amigos de Jó é o desabafo que ele faz no capítulo 3. Após sete dias de silêncio (e provavelmente semanas de sofrimento), "abriu Jó a sua boca, e amaldiçoou o seu dia. E Jó, falando, disse: Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem!" (3: 1-3).

As semanas de dor implacável tinham abalado a serenidade de Jó. Ele agora questiona a Deus. Versículo 11-12: "Por que não morri eu desde a madre? E em saindo do ventre, não expirei? Por que me receberam os joelhos? E por que os peitos, para que mamasse?" Versículo 20: "Por que se dá luz ao miserável, e vida aos amargurados de ânimo?"

Jó não consegue entender a razão de ter nascido ou por que sua vida foi preservada se ele viria a ter tanta miséria. E assim ele protesta contra o dia de seu nascimento. E é claro que isso é um protesto contra Deus, porque, ele mesmo disse "O Senhor dá e o Senhor tira" (1:21).

Elifaz intervém

Quando os três amigos de Jó ouviram estas reclamações, eles decidem não mais ficar em silêncio. Então, Elifaz fala nos capítulos 4 e 5 e dá oportunidade para Bildade e Zofar também falarem. Ele expõe um princípio que está descrito em todos os discursos daí em diante.

Princípio Teológico de Elifaz

Vemos isso pela primeira vez no capítulo 4:7-8: "Lembra-te agora qual é o inocente que jamais pereceu? E onde foram os sinceros destruídos? Segundo eu tenho visto, os que lavram iniqüidade, e semeiam mal, segam o mesmo." Em outras palavras, problema vem para aqueles que pecam, mas os inocentes não perecem. O sofrimento é o resultado do pecado, e a prosperidade é o resultado da justiça.

Mas Elifaz é cuidadoso em observar em 4:17 que todos os homens são pecadores, "Seria porventura o homem mais justo do que Deus? Seria porventura o homem mais puro do que o seu Criador?" Assim, ele também admite no capítulo 5:17 que um pouco de sofrimento é o castigo amoroso de Deus. "Eis que bem-aventurado é o homem a quem Deus repreende; não desprezes, pois, a correção do Todo-Poderoso."

A aplicação insensível e superficial de sua Teologia

Mas, a aplicação que ele faz dessa teologia é insensível e superficial. Ele repreende Jó (4:5-6) por ser impaciente e por estar desanimado. "Mas agora, que se trata de ti, es impaciente; e tocando-te a ti, te desanima. Porventura não é o teu temor de Deus a tua confiança, e a tua esperança a integridade dos teus caminhos?" Esta foi uma repreensão desnecessária a um homem justo em agonia. Essa é a parte insensível de aplicação Elifaz.

Em seguida, ele insinua que Jó não tem realmente buscado a Deus da maneira que deveria. Ele diz em 5:8, "Porém eu buscaria a Deus; e a ele entregaria a minha causa.", como se Jó precisasse aprender com Elifaz como fazer isso! E ele implica que Jó (5:18-19) seria liberto se ele se comprometesse o seu caminho para Deus. "Porque ele faz a chaga, e ele mesmo a liga; ele fere, e as suas mãos curam. Em seis angústias te livrará; e na sétima o mal não te tocará." Esta é a parte superficial da aplicação Elifaz. É muito simples de dizer, "Apenas se comprometa ao Senhor e sua sorte será restaurada."

Jó protesta a sua inocência

Jó sabe que a explicação de Elifaz é muito simples porque não responde as perguntas difíceis. Não responde por que alguns sofrem de uma forma extraordinária, mesmo que não tenham pecado de modo extraordinário. Não responde por que alguns prosperam de forma extraordinária, embora sejam pecadores extraordinários. Então, Jó alega sua inocência em 6:10, "porque eu não tenho negado as palavras do Santo." Ele retorna a repreensão de Elifaz em 6:24, "Ensinal-me, e eu me calarei; e fazei-me entender em que errei." Ele não consegue entender como o simples princípio de Elifaz responde ao seu caso.

A dura resposta de Bildade e uma admoestação

Bildade responde no capítulo 8 de forma bem menos suave do que Elifaz. Ele vigorosamente insiste no princípio de justiça de Elifaz até mesmo para os filhos de Jó. Em 8:3-4 ele diz: "Porventura perverteria Deus o direito? E perverteria o Todo-Poderoso a justiça? Se teus filhos pecaram contra ele, também ele os lançou na mão da sua transgressão." Elifaz dizia: seus filhos eram culpados de algum pecado escondido, e por isso eles foram esmagados.

E o mesmo vale para Jó (8:11-13). O problema deve ser porque Jó não está puro e não tem clamado a Deus como deveria. Então Bildade admoesta Jó em 8:6-7: "Se fores puro e reto, certamente logo despertará por ti, e restaurará a morada da tua justiça. O teu princípio, na verdade, terá sido pequeno, porém o teu último estado crescerá em extremo."

Jó não se rende

Jó considera que esta linha de pensamento está totalmente fora de sincronia com a maneira que as coisas realmente são. Em 9:22-24, diz ele, "A coisa é esta; por isso eu digo que ele consome ao perfeito e ao ímpio. Quando o açoite mata de repente, então ele zomba da prova dos inocentes. A terra é entregue nas mãos do ímpio; ele cobre o rosto dos juízes; se não é ele, quem é, logo?" Jó não abre mão da sua crença na soberania de Deus, mas ele sabe que é muito simples dizer que as coisas vão melhor nesta terra para todos os justos.

Jó insiste que não é culpado. Ele é justo. Ele ora em 10:6-7: "Para te informares da minha iniqüidade, e averiguares o meu pecado? Bem sabes tu que eu não sou iníquo; todavia ninguém há que me livre da tua mão".

A dura repreensão de Zofar

Zofar repete a linha de pensamento com mais rigor ainda (capítulo 11). Ele repreende Jó por afirmar ser inocente (v. 4-6) e lhe diz para abandonar o seu pecado para que Deus possa restaurá-lo (11:14-15): "Se há iniqüidade na tua mão, lança-a para longe de ti e não deixes habitar a injustiça nas tuas tendas. Porque então o teu rosto levantarás sem mácula; e estarás firme, e não temerás." Assim, de acordo com os seus amigos, Jó está sofrendo, porque ele se recusa a abandonar a iniqüidade.

As respostas sarcásticas de Jó

Jó responde com sarcasmo nos capítulos 12 a 14. "Também eu tenho entendimento como vós, e não vos sou inferior; e quem não sabe tais coisas como essas?" (12:3). "As vossas memórias são como provérbios de cinza; as vossas defesas como defesas de lodo." (13:12) "Vós, porém, sois inventores de mentiras, e vós todos médicos que não valem nada." (13:4). Ele deseja defender o seu caso com Deus, porque ele sabe que Deus é justo e está convencido de que é inocente. "Mas eu falarei ao Todo-Poderoso, e quero defender-me perante Deus." (13:3).

Os próximos momentos de conversa

Esse é o fim do primeiro momento da conversa. Os próximos dois momentos não revelam quaisquer argumentos novos, mas eles mostram os três amigos se tornando mais duros e menos credíveis em face a integridade de Jó.

Por diversas vezes os três amigos insistem que o sofrimento segue a maldade. Elifaz diz: "é o ímpio que se contorce de dor" (15:20). Bildade: "Na verdade, a luz dos ímpios se apagará, e a chama do seu fogo não resplandecerá." (18:5). Zofar: "O júbilo dos ímpios é breve, e a alegria dos hipócritas momentânea" (20:5).

A impotência da teologia dos amigos de Jó

No último discurso de Elifaz no capítulo 22:5, o ex-amigo de Jó ataca com brutalidade: "Porventura não é grande a tua malícia, e sem termo as tuas iniqüidades? Porque sem causa penhoraste a teus irmãos, e aos nus despojaste as vestes. Não deste ao cansado água a beber, e ao faminto retiveste o pão. Mas para o poderoso era a terra, e o homem tido em respeito habitava nela. As viúvas despediste vazias, e os braços dos órfãos foram quebrados" Nada disso é verdade. Tudo isso foi imaginado por Elifaz, forçado por sua inadequada teologia.

Mas tudo isso é tão absurdo que, quando Bildade faz seu último discurso no capítulo 25, ele só consegue falar seis versos sobre a pecaminosidade geral do homem. E quando é finalmente sua vez, Zofar não tem nada a dizer. E a simetria do livro foi quebrada porque a teologia dos amigos de Jó não pôde se sustentar até o fim. Seu simples princípio de justiça não foi capaz de suportar. Jó é um homem bom. No entanto, ele sofre muito mais do que muitas pessoas más. A correlação entre maldade e sofrimento neste mundo simplesmente não se sustenta.

Uma mudança na conversa de Jó sobre a morte

Algo acontece com Jó através desta longa conversa com seus três amigos. Ele começa no capítulo 3, com desânimo total e ele clama contra a sabedoria de Deus em conceder-lhe o nascimento. A duração de sua doença quase derrotou a fé que ele teve inicialmente (1:22; 2:10). Mas pouco a pouco podemos ver sua fé recuperar a força no modo como ele luta contra a teologia superficial de seus amigos. Sua fé, finalmente, se transforma em vitória no capítulo 19.

Em cada discurso, até então, Jó tinha expressado a convicção de que ele certamente morreria na miséria. Ele anseia por isso. Mas há uma mudança gradual na forma como ele fala sobre a morte. No início do 7:9-10 (resposta a Elifaz), ele tem certeza de que a morte é o fim de tudo, "Assim como a nuvem se desfaz e passa, assim aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir. Nunca mais tornará à sua casa, nem o seu lugar jamais o conhecerá." Já no capítulo 10:20-22 (resposta a Bildade) ele ainda está afundado em desespero sobre a morte, "Porventura não são poucos os meus dias? Cessa, pois, e deixa-me, para que por um pouco eu tome alento. Antes que eu vá para o lugar de que não voltarei, à terra da escuridão e da sombra da morte; Terra escuríssima, como a própria escuridão, terra da sombra da morte e sem ordem alguma, e onde a luz é como a escuridão." Então, em 14:7-14 (resposta a Zofar) Jó volta a enfrentar a certeza de sua morte em sofrimento e clama para ser liberado para morrer (v. 13). Mas desta vez ele faz uma pergunta no versículo 14: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" Também em sua segunda resposta a Elifaz (17:13-16) a referência a sepultura é uma pergunta e não um clamor de desespero.

No capítulo 19:25-27, Jó chega a uma resposta. "Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantarão sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, contudo ainda em minha carne verei a Deus, Vê-lo-ei, por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros o contemplarão; e por isso os meus rins se consomem no meu interior."

Jó finalmente tem certeza de que além do túmulo, ele vai se encontrar com Deus como seu Redentor e não como um juiz irritado. Ele vai ser resgatado de toda a sua miséria, mesmo que seja depois da morte. Haverá vida e luz, não apenas a morte e as trevas.

Essa confiança não responde a todas as perguntas de Jó e nem ao menos resolve todos os seus problemas teológicos. Ele ainda está totalmente perplexo sem saber por que ele deveria sofrer tanto. Seu sofrimento continua indefinidamente. Deus parece totalmente arbitrário na forma em que Ele distribui o sofrimento e o conforto nesta vida.

Jó silencia seus amigos

Mas a confiança de Jó em uma nova vida após a morte permite que ele se apegue a três de suas convicções mais queridas, ou seja, o poder soberano de Deus, a bondade e a justiça de Deus, e a fidelidade de seu próprio coração. Com essas convicções ele se nega a crer na doutrina simplista de justiça que seus amigos apresentaram.

Jó finalmente consegue silenciar seus amigos. E ficamos a partir daí com a voz de Jó (nos capítulos 26-31) ampliando o poder misterioso de Deus:

“Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos; e quão pouco é o que temos ouvido dele! Quem, pois, entenderia o trovão do seu poder?” (26:14)

E a magnificação da insondável sabedoria de Deus:

“Porém onde se achará a sabedoria, e onde está o lugar da inteligência? O homem não conhece o seu valor, e nem ela se acha na terra dos viventes. (...) Deus entende o seu caminho, e ele sabe o seu lugar.” (28:12-13, 23)

E a afirmação incansável de sua própria integridade:

“À minha justiça me apegarei e não a largarei; não me reprovará o meu coração em toda a minha vida.” (27:6)

Cinco Lições

Agora, quais são as lições que podemos tirar dessa longa passagem da Escritura?

1) Declarações teológicas verdadeiras podem ser falsas.

Se você pegar a maioria das declarações dos amigos de Jó, separadamente, elas soam como uma boa teologia. Mas sua aplicação é superficial e insensível. “Como o espinho que entra na mão do bêbado, assim é o provérbio na boca dos tolos.” (Provérbios 26:9).

Nós devemos colocar uma grande importância na boa teologia. Mas devemos estar cientes: a boa teologia pode se tornar falsa pela maneira como ela é aplicada, e pode até ser destrutiva na boca dos tolos. Beba profundamente na fonte da verdade de Deus. E deixe o amor ficar como vigia no portão de sua boca.

2) O sofrimento e a prosperidade não são distribuídos no mundo em proporção ao mal ou ao bem que uma pessoa faz.

Jó está certo: os maus são preservados no dia da calamidade (21:30). Mas o homem justo e irrepreensível é motivo de chacota (12:4). Portanto, não nos julguemos uns aos outros antes do tempo. Aqueles que sofrem mais podem ser os melhores. E aqueles que prosperam mais podem ser os piores entre nós.

3) No entanto, Deus ainda reina sobre todos os assuntos dos homens, desde o maior ao menor.

É surpreendente que o argumento mais comum utilizado pelas pessoas hoje em dia para resolver o mistério do sofrimento não passou pela cabeça de Jó ou de seus três amigos, ou seja, a limitação do controle soberano de Deus sobre todas as coisas. Hoje em dia limitamos Deus de forma muito fácil. Pensamos assim: ‘Ah, mas Deus não poderia ter desejado essa doença, ou aquela explosão ou a morte daquela criança’). Assim, estamos dizendo que Ele não está no controle das coisas. Ele é um Deus limitado.

Mas Jó e seus amigos têm esse grande fundamento em comum: eles acreditam que Deus reina. É uma solução para o problema do sofrimento que questiona a soberania de Deus nunca vai satisfazer o coração de um santo.

“Com ele está a sabedoria e a força; conselho e entendimento tem. Eis que ele derruba, e ninguém há que edifique; prende um homem, e ninguém há que o solte. Eis que ele retém as águas, e elas secam; e solta-as, e elas transtornam a terra. Com ele está a força e a sabedoria; seu é o que erra e o que o faz errar.” (12:13-16)

4) Existe sabedoria por trás da aparente arbitrariedade do mundo, mas ela está escondido do homem.

"Porém onde se achará a sabedoria, e onde está o lugar da inteligência? O homem não conhece o seu valor, e nem ela se acha na terra dos viventes. Deus entende o seu caminho, e ele sabe o seu lugar." (28:12-13, 23)

Nós vemos por espelho em enigma, mesmo a partir de uma perspectiva do Novo Testamento (1 Coríntios 13:12). Mas a fé sempre afirma que não importa o quão caóticas e absurdas as coisas possam parecer para a nossa visão limitada, elas são na verdade táticas de sabedoria divina infinita.

5) Portanto, nos apeguemos firmemente a Deus.

Se tu sofrer, Deus irá guiar-te,
Tenha fé n'Ele em todos os teus caminhos,
Ele vai te dar força, e te livrar,
E irá levar-te através dos dias maus
Quem confia no amor imutável de Deus
Constrói sobre a rocha que não se abala com nada.

Jó: santificação através do sofrimento

Estudo de Jó (parte 3) - Entendendo o Sofrimento na vida do Justo

Do capítulo 4 ao 31, Jó conversou com seus três amigos, Elifaz, Bildade e Zofar, sobre o significado do sofrimento. O resultado de tudo isso foi que a teoria de seus amigos não era satisfatória.

A Teoria Insatisfatória dos Amigos de Jó

Eles argumentaram que o sofrimento é, basicamente, a punição para o pecado e que a prosperidade é a recompensa para a justiça (4:7-8). Elifaz tinha admitido (em 5:17) que alguns sofrimentos e castigos podem ser bons para nós, mas torna-se claro que para ele esta é a exceção, não a regra, e que o sofrimento prolongado como o de Jó não podia ser explicado desta forma. Assim ele acaba dizendo a Jó: "Porventura não é grande a tua malícia, e sem termo as tuas iniquidades?" (22:05). O sofrimento extraordinário de Jó, em sua opinião, só poderia ser explicado como o castigo de Deus a um pecado grave.

Jó se defendeu o tempo todo dizendo, ao contrário da opinião dos seus três amigos, que há boas evidências em todo o mundo de que os ímpios muitas vezes prosperam e que os justos sofrem frequentemente (21:29-30). E no seu caso em particular, ele não era um inimigo de Deus e não tinha cometido qualquer pecado grave que provocou para ele tal sofrimento.

Então, Elifaz, Bildade e Zofar não foram capazes de sustentar a sua teoria diante do realismo do argumento de Jó e de sua integridade. Seus discursos se tornaram repetitivos, hostis, e cada vez mais curtos, enquanto a conversa chega ao fim. Finalmente, apenas Jó continuava a falar.

O argumento venceu, mas a pergunta continua sem resposta

Ele ganhou o argumento. Mas ele não respondeu sua pergunta. Ele tem mostrado que o sofrimento não pode ser explicado pelo princípio simples de retribuição da justiça, onde cada pessoa recebe o que merece: o sofrimento para o mal e prosperidade para o bem. Mas, ele também não encontrou outra resposta convincente.

No final do capítulo 31 ficamos apenas com a idéia de que Deus é caprichoso e faz as coisas sem motivos óbvios. Tudo parece ser arbitrário. Deus governa os assuntos dos homens. E Ele faz isso com sabedoria (28:12-28). Jó nunca duvida disto. Mas por que a justos sofrem? Até agora ele não tem uma resposta.

Seria possível viver o resto de nossas vidas a este nível de compreensão? Muitos cristãos tentam. Nós poderíamos simplesmente dizer: "Sim, eu acredito que Deus governa o mundo e controla o que acontece. Eu também acredito que ele é justo e sábio. E eu acredito que, embora as coisas pareçam caprichosas e arbitrárias nesta vida, todos os erros serão corrigidos no tempo porvir. Ele me mostrou o seu amor em Jesus Cristo e sei que ele é a única esperança para o sentido da vida agora e para a salvação do mundo por vir. Então, eu vou confiar em Deus, embora eu não possa compreender suas estranhas decisões."

Isso não é uma má maneira de viver. Mas o escritor do livro de Jó não está satisfeito em viver dessa maneira. E ele quer que seus leitores saibam que Deus não esconde todos os seus caminhos. Há mais para ver do propósito de Deus no sofrimento do que podemos pensar.

Eliú aparece em cena

Então, um jovem aparece em cena no capítulo 32 chamado Eliú. Seu discurso vai até o capítulo 37. E aqui nós aprendemos algo que nem Jó nem seus amigos tinham descoberto, ou seja, que o sofrimento do justo não é um sinal de inimizade de Deus, mas do seu amor. Não é um castigo dos seus pecados, mas um refinamento da sua justiça. Não é uma preparação para a destruição, mas uma proteção contra a destruição.

Os três amigos estavam errados – o sofrimento não é a prova de pecado. E Jó estava errado, o seu sofrimento não foi a prova da arbitrariedade de Deus. Nem tinha Deus tornado-se seu inimigo. Eliú chegou e argumentou algo diferente.

Cinco razões por que devemos aceitar os conselhos de Eliú

Vamos começar nossa pesquisa sobre a teologia de Eliú, perguntando por que devemos aceitá-la. Muitos intérpretes entendem que Eliú não disse coisas melhores do que Elifaz, Bildade ou Zofar .

Admito que há algumas coisas em seu discurso que são difíceis de entender. E é verdade que quando você lê seus discursos, você ouve algumas das mesmas coisas que os três amigos disseram (eles não estavam totalmente errados!). E é verdade que ele é duro com Jó, talvez até demais às vezes.

Mas há pelo menos cinco razões pelas quais eu tomo as palavras de Eliú como sendo representantes da verdade e como um discurso inspirado por Deus. Em outras palavras, eu acho que Eliú dá o primeiro passo na resolução do problemas de Jó, e que depois Deus fala pessoalmente, nos capítulos 38-41, dando a palavra final conclusiva. Aqui estão as cinco razões pelas quais eu acho que devemos absorver a teologia de Eliú.

1. Sua fala é apresentada como algo novo

As palavras de Eliú são introduzidas para nós no capítulo 32, não como uma continuação ou repetição do que os três amigos tinham dito, mas como algo novo. Versículos 1-3:

"Então, aqueles três homens cessaram de responder a Jó; porque era justo aos seus próprios olhos. E acendeu-se a ira de Eliú, filho de Baraque, o buxite, da família de Rão; contra Jó

se acendeu a sua ira, porque se justificava a si mesmo, mais do que a Deus. Também a sua ira se acendeu contra os seus três amigos; porque, não achando que responder, todavia, condenavam a Jó." (Jó 32:1-3)

Em outras palavras Eliú discorda de ambos os lados do argumento. Assim, ele diz no versículo 14 para os três amigos: "Ora, ele (isto é Jó) não dirigiu contra mim palavra alguma, nem lhe responderei com as vossas palavras." Então Eliú não tem nenhuma intenção de tentar resolver a questão da mesma forma como os três amigos fizeram. O escritor quer ouvir algo novo que nos leva além do argumento antigo.

2. Seis capítulos dedicados a suas palavras

A segunda razão que eu acho que Eliú é mais do que uma continuação da teologia ruim dos três amigos de Jó, é que o escritor dedica seis capítulos às suas palavras (32-37).

A inadequação da teologia dos três amigos foi demonstrada pelo fato de que seus discursos ficaram mais curtos perto do fim, e depois desapareceu completamente. Bildade termina com seis versos (capítulo 25), e Zofar não pode nem mesmo emitir um comentário de fechamento.

Seria muito estranho, então, se fossem dados seis capítulos a Eliú neste momento para dizer coisas inadequadas novamente sem fazer nenhum avanço sobre a teologia inadequada dos outros três amigos. Certamente este grande espaço dado às suas palavras é sinal de que algo importante está sendo dito aqui.

3. Resposta de Jó para Eliú

Jó não tenta argumentar com Eliú.

Ele tinha sido bem sucedido em silenciar Elifaz, Bildade e Zofar, mas ele não diz uma palavra contra Eliú embora Eliú o tenha desafiado em 33:32, "Se você tem alguma coisa a dizer, responde-me." A explicação mais fácil para este silêncio é que Jó concordou com ele. De fato, em Jó 42:6 ele se arrepende de algumas das coisas que disse, o que mostra que a repreensão de Eliú não está totalmente incorreta.

4. Resposta de Deus para Eliú

Em 42:7 Deus olha para o longo período de sofrimento de Jó e repreende os seus três amigos,

"BEM-AVENTURADO o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores." (Jó 42:7)

Mas, Deus não repreende Eliú. Por que não? Provavelmente porque as palavras de Eliú não estão na mesma classe com as palavras dos outros três. As palavras de Eliú são verdadeiras e preparam o caminho para as palavras finais e decisivas de Deus. (Ele diz ser guiado pelo Espírito de Deus - 32:8).

5. Ele oferece algo novo e útil

Finalmente, Eliú realmente oferece uma nova compreensão do sofrimento do justo que Jó e seus três amigos não tinham percebido. E sua visão realmente faz sentido no contexto do sofrimento, aparentemente arbitrário, de Jó e que outras pessoas justas passam. Vamos tentar aprender esta manhã que este jovem tem a dizer.

Eliú repreende a Jó

Eliú pensa que Jó foi errado em algumas coisas que ele disse. Na verdade, ele vê orgulho e arrogância na atitude de Jó (veja 33:17; 35:12; 36:9). Em 33:8-12, ele põe o dedo no erro de Jó:

Na verdade tu falaste aos meus ouvidos; e eu ouvi a voz das tuas palavras. Dizias: Limpo estou, sem transgressão; puro sou, e não tenho iniqüidade. Eis que procura pretexto contra mim, e me considera como seu inimigo. Põe no tronco os meus pés, e observa todas as minhas veredas. Eis que nisso não tens razão; eu te respondo; porque maior é Deus do que o homem. (Jó 33:8-12)

Jó estava errado em afirmar sua inocência às custas da graça de Deus. Sabemos que Eliú está certo sobre isso, porque em Jó 42:6 ele se arrepende "Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza." Seu sofrimento o levara a dizer coisas sobre si mesmo, que foram excessivamente otimistas e coisas desrespeitosas sobre Deus. Mesmo que Jó fosse um homem justo, ele não era um homem perfeito e sem pecado. Houve um sedimento de orgulho que começou a obscurecer a pureza de sua vida quando passou pelo sofrimento.

Explicação de Eliú para o sofrimento

Pelo menos, parte da compreensão de Eliú a respeito do sofrimento tem a ver com este resíduo de orgulho na vida dos justos. Vemos a primeira explicação da sua visão em 33:14-19. Ele descreve dois caminhos de Deus falar ao homem: através de sua palavra e do sofrimento. Estes foram os dias antes das Escrituras, então a palavra de Deus assumia a forma de visões e sonhos. Ele diz:

"Antes Deus fala uma e duas vezes; porém ninguém atenta para isso. Em sonho ou em visão noturna, quando cai sono profundo sobre os homens, e adormecem na cama. Então o revela ao ouvido dos homens, e lhes sela a sua instrução, Para apartar o homem daquilo que faz, e esconder do homem a soberba. Para desviar a sua alma da cova, e a sua vida de passar pela espada. Também na sua cama é castigado com dores; e com incessante contenda nos seus ossos;" (Jó 33:14-19)

Não para punir, mas para salvar

Então Eliú coloca a dor da doença e as visões lado a lado como duas formas que Deus fala ao homem para o seu bem. O versículo 17 descreve o propósito de Deus: "Para apartar o homem daquilo que faz, e esconder do homem a soberba."

Em outras palavras o propósito de Deus para os justos nestes sonhos e nessa doenças não é punir, mas é salvar das más obras, do orgulho e finalmente da morte. Eliú diz que Deus não se apresenta para o justo como um juiz irritado, mas como um Redentor, um Salvador, um médico. A dor que Ele causa é como faca do cirurgião, não como o chicote do carrasco.

O "Justo Pecador"

Eliú explica sua visão do sofrimento em um outro lugar, ou seja, no capítulo 36:6-15. A única coisa útil nestes versos é que Eliú deixa claro que existe tal coisa como uma pessoa justa, mas que ainda tem pecado que precisa ser revelado e erradicado. Uma pessoa justa não significa que a pessoa está perfeita e sem pecado. Existe um justo que ainda comete pecado, ou seja, um 'justo pecador'.

Isso é útil porque o próprio Deus chamou Jó de um homem justo em 1:1 e Jó ganhou seu argumento com base em sua reputação como um homem justo. E ainda no final do livro Jó se arrepende e despreza a si mesmo. Então Jó é justo (com o testemunho de Deus!) apesar de ainda ter pecado na vida dele. Ele não está entre os ímpios.

Eliú olha para esses dois grupos de pessoas, os maus e os justos, e ele distingue os diferentes papéis que o sofrimento tem em cada um. Vamos começar lendo o versículo 6:

Ele não preserva a vida do ímpio, mas faz justiça aos aflitos. Do justo não tira os seus olhos; antes estão com os reis no trono; ali os assenta para sempre, e assim são exaltados. (Jó 36:6)

Agora, se ele tinha parado lá, ele teria soado exatamente como Elifaz: os maus sofrem e os justos prosperam. Há um sentido em que isso é verdadeiro em longo prazo na vida. Mas a pergunta que assola Jó é porque os justos sofrem no curto prazo. Então Eliú continua no versículo 8:

E se eles [isto é, os justos] estão presos em grilhões, amarrados com cordas de aflição [então Eliú admite de imediato que os justos não são sempre com os reis no trono, pois eles sofrem], então lhes faz saber a obra deles, e as suas transgressões, porquanto prevaleceram nelas. Abre-lhes também os seus ouvidos, para sua disciplina, e ordena-lhes que se convertam da maldade. (Jó 36:8)

Em outras palavras os justos estão longe de serem perfeitos e sem pecado. Há muito da velha natureza ainda existente neles, e de vez em quando esta velha natureza de orgulho eclode em um comportamento realmente pecaminoso como fez com Jó, quando ele acusou Deus de ser seu inimigo. É disso que Jó se arrepende no final do livro.

O sofrimento refina o justo

O ensino de Eliú, então, é que a aflição faz uma pessoa justa sensíveis à sua pecaminosidade remanescentes e ajuda-o a odiá-lo e renunciar a essa pecaminosidade. O sofrimento abre o ouvido dos justos (v. 10). O salmista disse a mesma coisa no Salmo 119:71: "Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos." Há dimensões da santidade que o justo só pode aprender através da

aflição.

Assim, o novo ponto de vista que Eliú nos dá é que o sofrimento do justo não é o fogo da destruição, mas o fogo que refina o ouro de sua bondade. Para os justos o sofrimento não é punitivo, mas curativo.

O Propósito do Sofrimento para os santos e os justos

Versículos 13-15 descrevem o mesmo contraste entre o propósito do sofrimento para os ímpios e o sofrimento para os justos.

E os hipócritas de coração amontoam para si a ira; e amarrando-os ele, não clamam por socorro. A sua alma morre na mocidade, e a sua vida perece entre os impuros. Ao aflijo Ele livra da sua aflição, e na adversidade Ele abre aos seus ouvidos.(Jó 36:13-15)

Os versículos 13-14 descrevem um grupo de pessoas para quem o sofrimento resulta em nada, mas apenas em destruição, eles são os "sem Deus no coração." Mas, depois (no v. 15) ele descreve um outro grupo cujos ouvidos estão abertos em suas aflições e que experimentam libertação por sua aflição. Estes não são os ateus ou os maus. Eles são os justos. Eles são as pessoas como Jó, que são retos, e temem a Deus, e se afastam do mal, e têm uma reputação irrepreensível. Eles sofrem, também. Mas o propósito divino não é o mesmo.

Será que Eliú acrescentou para a nossa compreensão?

Como então, podemos perguntar, tem Eliú acrescentado para nossa compreensão além do impasse entre Jó e seus três amigos?

Voltamos para o início do discurso de Eliú em 32:2-3. Ele tinha duas queixas:

1. Ele estava zangado porque Jó justificava a si mesmo em vez de Deus;
2. E ele estava zangado com três amigos de Jó, porque não tinham achado nenhuma resposta, apesar de terem declarado que Jó estava errado.

Eliú conseguiu mostrar por que sua ira foi justificado em ambos os casos.

1. Ele mostra por que os três amigos de Jó estão errados

Eles disseram que a única maneira de explicar o sofrimento de Jó era dizer que Deus estava punindo-o pelo pecado. Eliú mostra que esta não é a maneira de explicar o sofrimento de Jó.

Os justos sofrem. E seu sofrimento não é um castigo para o pecado, mas um refinamento da sua justiça. Sofrimento desperta seus ouvidos, para novas dimensões da realidade de Deus e novas profundidades de sua própria imperfeição e de sua necessidade de perfeição.O sofrimento aprofunda sua fé e piedade. Assim, os três amigos de Jó estavam errados.

2. Ele mostra por que Jó está errado

Mas Jó está errado também. Ele não tinha explicação melhor para seu sofrimento do que seus três amigos tinham. Sua concepção de justiça de Deus foi basicamente a mesma que a deles. Jó apenas insistiu que era justo, e por isso ele não poderia entender o seu sofrimento como algo justo da parte de Deus. Ele ficou tão irritado às vezes que ele pensou em Deus como seu inimigo.

Quantas culpas e pecados tenho eu? Notifica-me a minha transgressão e o meu pecado. Por que escondes o teu rosto, e me tens por teu inimigo? (13:23-24)

Eliú disse que Jó estava errado por justificar-se às custas de Deus como em (33:8-12). Deus não era inimigo de Jó. E Jó não era tão puro como dizia ser. Deus é o Pai amoroso Jó. Ele permitiu que essa doença se arrastasse por meses, porque ele ama Jó, não porque ele o odeia.

O sofrimento trouxe o pecado oculto de Jó à tona, o orgulho. Agora o ouvido de Jó foi aberto para sua imperfeição restante. Agora, ele pode se arrepender e ser limpo e depender de Deus, como ele nunca tinha dependido antes. Seu sofrimento não foi apenas uma ocasião para Deus obter glória sobre Satanás (que vimos nos capítulos 1 e 2), foi também uma ocasião para Deus aprofundar a visão, santidade e confiança de Jó.

A Lição Central

Assim, a principal lição para nós a partir do livro de Jó é que hoje os filhos de Deus aqueles que confiam em Deus e são conduzidos por seu Espírito e tem seus pecados cobertos pelo sangue de Jesus, podem de fato sofrer. E quando o fazem, não é um castigo pelo pecado. Cristo sofreu o castigo por nossos pecados, e não há dupla penalização!

O sofrimento dos filhos de Deus não é a aplicação firme de um princípio de justiça retributiva. É a aplicação livre do princípio da graça soberana. Nossa Pai do céu nos escolheu livremente desde antes da fundação do mundo, ele nos regenerou livremente pela obra do Espírito Santo, ele nos justificou gratuitamente através do dom da fé salvadora, e ele está agora santificando-nos livremente pela sua graça, através do sofrimento de acordo com sua infinita sabedoria.

O sofrimento não é dispensado à toa no meio do povo de Deus. É distribuído para nós individualmente de forma especial como terapia pela mão amorosa de nosso grande Médico. E seu objetivo é que a nossa fé pode ser refinada, a nossa santidade pode ser alargada, a nossa alma possa ser salva, e nosso Deus seja glorificado.

Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações, Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo; (1 Pedro 1:6-7)

Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este, para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade. E, na verdade, toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo,

senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela. (Hebreus 12:10-11)

Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos. Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos; (2 Coríntios 1:8-9)

Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações; Sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma. (Tiago 1:2-4)

JÓ: A REVELAÇÃO DE DEUS EM MEIO AO SOFRIMENTO ESTUDO DE JÓ (PARTE 4)

Jó estava vivendo com uma enfermidade sem alívio por meses a fio, com feridas abertas por todo o corpo. Durante esse tempo, ele estava cheio da tristeza pela perda de sete filhos e três filhas. Toda a sua riqueza havia desaparecido em uma tarde. Ele tornou-se repulsivo para sua esposa, repugnante a seus irmãos, e até mesmo crianças pequenas o desprezavam enquanto ele estava deitado no monte de cinzas do lado de fora da cidade.

A fé vacilante de Jó e as reclamações para Deus

No início Jó aguentou essas calamidades com uma submissão surpreendente: " o SENHOR o deu, e o SENHOR o tomou: bendito seja o nome do SENHOR." Jó 1:21 "...receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?" Jó 2:10

Mas como a miséria continuou ao longo dos meses, Jó vacilou na sua confiança de que Deus era em favor dele. Ao defender-se contra a má teologia de Elifaz, Bildade e Zofar, ele disse coisas sobre Deus que não eram verdadeiras. Ele começou a insistir em sua própria justiça em detrimento da justiça de Deus.

Por exemplo, em 13:23-24 ele disse: "Quantas culpas e pecados tenho eu? Notifica-me a minha transgressão e o meu pecado. Por que escondes o teu rosto, e me tens por teu inimigo?". Jó 13:23-24 Jó só conseguia pensar que Deus estava ignorando a sua fidelidade e tratando-o como um inimigo.

Ele chegou a alcançar o ponto onde confessou (em 19:25-27) que após a morte ele veria Deus como seu Redentor. Mas, por enquanto, Deus o estava tratando como um inimigo, não um amigo ou um filho –isso era o que Jó pensava.

E assim ele reclama para Deus: "Ah, se eu soubesse onde o poderia achar! Então me chegaria ao seu tribunal. Exporia ante ele a minha causa, e a minha boca encheria de argumentos. Visto que do Todo-Poderoso não se encobriram os tempos, por que, os que o conhecem, não vêem os seus dias?" (Jó 23:3-4; Jó 24:1).

A Teologia superficial dos amigos de Jó

Os três amigos de Jó tinham tomado a posição de que a gravidade do sofrimento de Jó deveria ser o sinal de algum pecado grave em sua vida. Deus estava punindo Jó. Mas Jó silencia seus amigos mostrando que não há uma correlação direta neste mundo entre a justiça e prosperidade ou entre maldade e sofrimento. Os justos, muitas vezes sofrem mais do que os maus e os maus prosperam, muitas vezes mais do que os justos. Jó saiu vitorioso sobre a teologia superficial de seus amigos.

A repreensão e o conselho de Eliú

Nos capítulos 32 a 37 o jovem amigo Eliú repreende tanto Jó quanto seus três amigos. Os três amigos de Jó não tinham sido capazes de explicar o sofrimento deste homem com a sua teologia. E Jó tinha dito coisas precipitadas e presunçosa a respeito de Deus, a fim de justificar-se.

O ponto de vista de Eliú é que Jó é um homem justo, embora não seja perfeito, e que ele é amado por Deus. Deus não está tratando-o como inimigo, mas como seu filho e amigo.

Deus originalmente havia permitido que Jó sofresse para mostrar a Satanás e os exércitos do céu que Jó dava mais valor a Deus do que a suas posses, sua família e sua saúde. Mas, depois que Jó provou que de fato amava a Deus mais do que tudo no mundo, Deus estabeleceu outra finalidade a alcançar, deixando então o sofrimento de Jó continuar por vários meses.

Esse propósito, de acordo com Eliú, foi para purgar da vida de Jó todo resíduo de orgulho que tinha ficado escondido em sua vida. Quando Jó foi abalado pelo sofrimento por muito tempo, o sedimento de orgulho foi agitado em sua vida e revelou-se quando Jó tentou se justificar às custas de Deus.

Os dois objetivos do sofrimento na vida de Jó

O que temos visto até agora, então, é que o sofrimento de Jó tem uma explicação dupla: seu objetivo no início era demonstrar o valor e a glória de Deus, e seu objetivo secundário foi refinar a justiça de Jó. Seu sofrimento não era uma punição. Não era um sinal da ira de Deus. A dor de Jó não é a dor do chicote do carrasco, mas a dor do bisturi do cirurgião. A remoção da doença chamada orgulho é a coisa mais amorosa que Deus poderia fazer, não importa a que custo.

Lembre-se das palavras do Senhor: é melhor sofrer a dor insuportável de um olho arrancado do que deixar qualquer pecado permanecer em seu coração. A santificação vale qualquer dor na Terra – mas se isso não parece óbvio é provavelmente porque você não abomina o pecado e aprecia a santidade como deveria. Vamos examinar cuidadosamente a nós mesmos neste momento.

A repreensão de Deus

Perto do final do discurso de Eliú (nos capítulos 32 a 37) uma tempestade começou e o encheu de reverência. É como se ele houvesse sentido a aproximação de Deus na tempestade e colocou um fim a suas palavras. E de alguma forma do meio do redemoinho veio a voz de Deus (capítulos 38-41).

Em 38:1-2 Deus começa: " Depois disto o SENHOR respondeu a Jó de um redemoinho, dizendo: Quem é este que escurece o conselho com palavras sem conhecimento?" Alguém poderia pensar que Deus estava criticando as palavras de Eliú aqui, mas não é o caso. Ele está falando e criticando Jó.

Sabemos disso porque quando Deus termina de falar, Jó cita as palavras de Deus em 38:2 e aplica as palavras a si mesmo. Ele diz: "Quem é este, que sem conhecimento encobre o conselho?" Jó 42:3 Essa é uma citação de Deus em 38:2. E então Jó responde (na segunda metade do versículo 3), "Por isso relatei o que não entendia; coisas que para mim eram inescrutáveis, e que eu não entendia."

Assim, as palavras de Deus nos capítulos 38-41 não são uma repreensão a Eliú. Em nenhum lugar Deus repreender ou criticar Eliú. Eliú tinha razão. Jó escuta em silêncio. E quando Eliú termina, Deus fala a Jó e não a Eliú. E agora nós queremos saber o que mais Deus tem a dizer a Jó. Vamos ver.

Jó sendo julgado por Deus

"Agora cinge os teus lombos, como homem; e perguntar-te-ei, e tu me ensinarás." Jó 38:3

Deus foi questionado por Jó tempo suficiente. Agora é hora de Jó ser levado a julgamento. É hora de Deus interrogá-lo.

Vamos tentar resumir o interrogatório sem ler tudo.

Perguntas sobre o mundo terreno

Em 38:4-7 Deus se concentra na terra: "Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-me saber, se tens inteligência." Você não estava lá e não sabe como eu fiz isso.

Em 38:8-11 Deus se concentra no mar: "Ou quem encerrou o mar com portas, quando este rompeu e saiu da madre?" Fui eu, Jó, eu defini os limites e não você. Você não estava lá e não sabe como eu fiz isso.

Em 38:12-15 o Senhor se concentra na madrugada: "Ou desde os teus dias deste ordem à madrugada, ou mostraste à alva o seu lugar?" Você nunca fez isso. Você não consegue fazer isso. Você não sabe como fazê-lo. Eu sempre fiz isso. Eu sempre farei.

Em 38:16-18 Deus se concentra na profundidade e largura do mar e da terra. "Ou entraste tu até às origens do mar, ou passeaste no mais profundo do abismo?" Jó, você nunca sequer foi para o fundo do oceano ou ao redor do mundo. E você acha que sabe o suficiente para discutir com Deus.

Perguntas sobre o mundo de cima

Em seguida, na última metade do capítulo 38 Deus se concentra no mundo do céu.

Primeiro, nos versos 19-21, ele consulta trabalho sobre a origem da luz e da escuridão: "Onde está o caminho onde mora a luz? E, quanto às trevas, onde está o seu lugar?" Você não sabe onde está e como chegar lá. Mas eu sei, Jó. Eu fiz a luz.

Então, nos versículos 22-30 Deus lhe pergunta sobre a neve, o granizo, a chuva e o gelo: Você sabe alguma coisa sobre como armazenar até granizo para o dia da batalha? Será que você sabe como cortar um canal no céu para fazer chover sobre uma terra onde não há ninguém?

Ou levante os olhos ainda mais alto, Jó, (versos 31-33) e olhe para as constelações: Plêiades, Orion, Mazzaroth, o urso! "Sabes tu as ordenanças dos céus, ou podes estabelecer o domínio deles sobre a terra?"

Se não, vamos falar sobre a chuva de novo (versos 34-38). Você pode fazer chover? Você sabe como a assobiar para o relâmpago para que ele venha e diga: "Aqui estamos!"? Você pode contar as nuvens com a sua sabedoria? Ou será que meus passatempos são complexos demais para você?

Então, se nos concentrarmos na terra, no mar, no amanhecer, na neve, no granizo, nas constelações ou na chuva, o resultado é que Jó é ignorante e impotente. Ele não sabe de onde tudo isso surgiu. Ele não sabe como fazê-los funcionar. Ele é inteiramente rodeado por mistérios. E assim somos nós, porque os avanços científicos dos últimos 200 anos são como um balde de água comparado com o oceano de sabedoria de Deus. Deus não está

impressionado com Jó. Nós devemos estar humilhados com a nossa ignorância, e não devemos ficar impressionados com a ciência e tecnologia.

Perguntas sobre o mundo dos animais

Em seguida, vêm os questionamentos sobre o mundo dos animais.

Em 38:39-41 Deus pergunta sobre quem Jó pensa que fornece comida para os leões e para as aves? "Quem prepara aos corvos o seu alimento, quando os seus filhotes gritam a Deus e andam vagueando, por não terem o que comer?" Eu faço. Eu trabalho em todo o mundo. Você pode fazer isso, Jó?

Ou considere o nascimento dos filhotes (39:1-4). "Sabes tu o tempo em que as cabras montesas têm filhos, ou observastes as cervas quando dão suas crias?" Pense nisso, Jó! Estou no controle de todas estas coisas. Cada veado selvagem, que dá à luz, Eu estou lá. Cada cabra, na Suíça e no Nepal, quando eles dão a luz, eu estou lá. Eu me importo com seus filhotes.

Pense nisso, Jó! Quando um homem vê uma obra de Deus, como o seu sofrimento, ele consegue ver sua ligação com dez mil outras realidades do mundo, como Eu posso? Se não, então como é que ele se atreve a julgar a minha sabedoria!

Considera o burro selvagem (39:5-8). "Quem libertou o jumento montês, e quem soltou as prisões ao jumento bravo?" Você acha que existem criaturas selvagens e imprevisíveis do mundo, Jó? Pois é? Eu os soltei e deixei livres. Eu dou-lhes um deserto para correr e uma montanha para pastar. Eles são obras de minhas mãos. As coisas são completamente organizadas! E você não tem nada a ver com isso.

E assim vai. O boi selvagem (39:9-12): você não sabe como prendê-lo ou usá-lo. Ele é meu.

A aveSTRUZ (39:13-18): ela abandona seus ovos, ela trata seus filhotes cruelmente. Quem a fez esquecer da sabedoria? Eu fiz, Jó. Mesmo as coisas loucas são escolhas minhas. Eu governo tudo com um design perfeito.

É claro que nem todos os animais são tolos e inúteis. Pegue o cavalo de guerra (39:19-25), por exemplo. "Ou darás tu força ao cavalo, ou revestirás o seu pescoço com crinas?" Você não sabe como fazê-lo, Jó. Eu sou o único que faz.

Finalmente, Jó (39:26-30) "Ou voa o gavião pela tua inteligência, e estende as suas asas para o sul? Ou se remonta a águia ao teu mandado, e põe no alto o seu ninho?"

Não! Se considerarmos a presa dos leões, o nascimento das cabras nas montanhas, a liberdade do asno selvagem, a insubordinação do boi selvagem, a estupidez do aveSTRUZ, o poder do cavalo de guerra, ou o vôo do falcão e da águia, o resultado é o mesmo: Jó é ignorante e impotente. Ele não fazê-los. Ele não sabe como controlá-los. Então como pode, este homem tão ignorante questionar os caminhos de Deus?!

Deus pausa para ouvir a resposta de Jó

Assim, no início do capítulo 40, Deus faz uma pausa em seu interrogatório para dar a Jó uma chance de responder seus questionamentos:

Respondeu mais o SENHOR a Jó, dizendo: Porventura o contendere contra o

Todo-Poderoso é sabedoria? Quem argüi assim a Deus, responda por isso. Então Jó respondeu ao SENHOR, dizendo: Eis que sou vil; que te responderia eu? A minha mão ponho à boca. Uma vez tenho falado, e não replicarei; ou ainda duas vezes, porém não prosseguirei. Jó 40:1-5

Jó está começando a entender: uma criatura finita que não tem sabedoria para administrar este mundo e é totalmente ignorante a respeito de 99,999% das coisas não tem nenhum direito de instruir o seu Criador e Governador em como administrar o mundo, nem ao menos condenar a Deus.

Deus continua acusando Jó

Deus fala novamente contra Jó 40:6-9:

Então o SENHOR respondeu a Jó de um redemoinho, dizendo: Cinge agora os teus lombos como homem; eu te perguntarei, e tu me explicarás. Porventura também tornarás tu vão o meu juízo, ou tu me condenarás, para te justificares? Ou tens braço como Deus, ou podes trovejar com voz como ele o faz?

Os caminhos de Deus são corretos simplesmente porque Ele é o Deus Todo-Poderoso?

Este é um argumento perturbador. Será que Deus quer dizer que devemos nos submeter à justiça de seus caminhos, simplesmente porque ele tem um braço poderoso? Devemos reconhecer seu direito, simplesmente porque ele tem poder? Todos os juízos são certos e bons apenas porque Deus é que julga e faz?

Acho que a resposta a essa pergunta é sim e não. Por um lado, não há nenhuma realidade maior do que Deus com a qual podemos julgar as ações de Deus. Ele não seria Deus se Ele se submetesse a algo fora de si mesmo.

Mas, por outro lado, quando dizemos a frase, "Deus é bom", ou "Deus sempre faz o que é certo" Deus quer que isso tenha um significado maior do que simplesmente: "Deus é Deus". Ele quer nos vejamos que sua força não é utilizada de forma caprichosa, arbitrária e irracional, ao contrário, ele quer que a gente veja que o seu poder é usado de forma proposital para o bem.

Deus é santo e poderosamente proposital

Assim, em 40:10-14 ele convida Jó a acompanhá-lo neste sagrado e proposital desígnio:

Orna-te, pois, de excelência e alteza; e veste-te de majestade e de glória. Derrama os furores da tua ira, e atenta para todo o soberbo, e abate-o. Olha para todo o soberbo, e humilha-o, e atropela os ímpios no seu lugar. Esconde-os juntamente no pó; ata-lhes os rostos em oculto. Então também eu a ti confessarei que a tua mão direita te poderá salvar. Jó 40:10-14

Isto é muito diferente de dizer: "Reconheça que o meu poder está certo, não importa o que eu faça." Em vez disso, Deus diz: "Eu emprego o meu poder para revestir-me com esplendor, humilhar os orgulhosos e (por implicação) exaltar os humildes." Em outras palavras, a justiça do poder de Deus não é apenas porque vem de Deus, mas também porque seus objetivos são consistentes com a sua excelência.

A bondade de Deus é a seguinte: que ele defende a sua glória abatendo o orgulhoso e dando prazer ao humilde.

Jó levado à submissão e à adoração

Assim, levando Jó à submissão, Deus não se limitou a dizer: "Eu posso e por isso estou sempre correto. Então, pare de condenar os meus caminhos." Ele disse que, em primeiro lugar, há dez milhões de coisas sobre a administração do mundo que você não sabe, mas eu sei perfeitamente. Por isso, é presunçoso assumir que você pode me aconselhar sobre como administrar um mundo para que seja mais justo. Você não conhece tudo o que tem que ser levado em conta na tomada de decisões sobre como administrar o mundo para a minha glória e para a alegria do meu povo!

E, em segundo lugar, Deus mostrou que seu poder não é arbitrário, mas proposital. E o propósito é defender a sua glória por humilhar os orgulhosos e abençoar o humilde. Por isso Jó não deve presumir e acusar Deus de ser arbitrário ou caprichoso e irracional. Ele deve se submeter à sabedoria e bondade de Deus e agarrar-se à promessa de que "Deus não retém nada de bom dos que andam em retidão" (Salmo 84:11).

Três atos de submissão de Jó

Observe no capítulo 42:1-6 os três atos de submissão de Jó:

1. Versículo 1-2: "Então respondeu Jó ao SENHOR, dizendo: Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido." Ele se submete a soberania absoluta de Deus: que pode fazer o que quiser, e é ilimitado não dependendo de nada fora de si mesmo.
2. Versículo 3: Ele cita Deus e depois dá a sua resposta. "Quem é este que sem conhecimento encobre o conselho? Por isso relatei o que não entendia; coisas que para mim eram inescrutáveis, e que eu não entendia." Ele se submete a sabedoria infinitamente maior de Deus: ele tem falado sobre coisas das quais ele é muito ignorante.
3. Versículos 4-6: Ele cita novamente a Deus e depois dá a sua própria resposta. "Escuta-me, pois, e eu falarei; eu te perguntarei, e tu me ensinarás. Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza."

Quatro Lições

As lições para nós são simples e profundas:

1. Creia de todo o seu coração na soberania absoluta de Deus. Ore para que Deus lhe dê essa convicção.
2. Creia de todo o seu coração que tudo que ele faz é certo e bom. Ore para que Deus lhe dê essa garantia.
3. Arrependa-se de todas as vezes que você questionou a Deus ou o acusou de injustiça pela maneira em que ele tratou você. Ore para que Deus lhe dê humildade para ver essas murmurações como pecaminosas.
4. Esteja satisfeito com a santa vontade de Deus e não murmure.

Jó: Reversão no sofrimento

Nem má teologia (nas palavras de Elifaz, Bildade e Zofar), nem boa teologia (nas palavras de Eliú) nos dá o conhecimento de Deus que muda o coração de uma pessoa. "Prove e veja que o Senhor é bom!" (Salmo 34:8). Há um conhecimento que só vem através da degustação. Cinco segundos de mel na língua vai mostrar mais doçura que dez horas de palestras sobre a doçura do mel. "Prove e veja que o Senhor é bom." Até que Deus lhe dê um gosto de sua bondade toda a teologia do mundo não vai lhe dar um conhecimento da sua bondade que muda o seu coração e salva a sua alma.

Jó provou e viu que Deus é bom

Quando Eliú terminou de falar a verdade, Jó não disse nada. Só depois que Deus falou (nos capítulos 38-41) Jó disse: "Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te vêem os meus olhos." (42:5). Quando o próprio Deus veio a Jó, falou com ele e tomou a iniciativa de se fazer conhecido, Jó provou Deus! E seus olhos foram abertos.

Agora Jó tem um novo senso da realidade de Deus. É mais do que o conhecimento intelectual ou especulativo. É o conhecimento do coração. Ele provou. E agora ele vê. E o resultado é um homem quebrado e mudou.

Jó confessa Três Grandes Verdades

Em 42:1-6 Jó se curva em submissão reverente a confessa três grandes verdades.

- No versículo 2, ele confessa a verdade de que Deus é absolutamente soberano: "Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido."
- No versículo 3, ele confessa a verdade de que a sabedoria de Deus faz com que sua própria sabedoria parece ser ignorância. "Por isso relatei o que não entendia; coisas que para mim eram inescrutáveis, e que eu não entendia."
- E no versículo 6, ele confessa a verdade de que ele é culpado de pecado desprezível em questionar os caminhos de Deus: "Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza."

Um homem quebrantado e transformado

Jó é um homem quebrantado e transformado. É isso que acontece quando você realmente vê Deus. Foi o que aconteceu com Isaías: "Ai de mim! Pois estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros ... e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!" (Isaías 6:5). Foi o que aconteceu com Pedro quando Jesus mostrou seu poder: "Senhor, ausenta-te de mim, que sou um homem pecador." (Lucas 5:8). Foi o que aconteceu com o centurião, quando Jesus chegou à sua casa: "Senhor, não te incomodes, porque não sou digno de que entres debaixo do meu teto" (Lucas 7:6).

Antes de Jó ver a Deus desta maneira, ele estimou a si mesmo grandemente e não tinha hesitou em afirmar a sua justiça. Agora ele se vê mais claramente. E o que ele vê o leva ao arrependimento.

Se nós não nos sentir triste pelo nosso pecado, e profundamente indignos da bondade de Deus,

então precisamos orar fervorosamente para que Deus nos mostrar a si mesmo, que ele deixe de ser uma mera doutrina que ouvimos com os nossos ouvidos, e em vez disso, se torne um soberano, impressionante, infinitamente santo, terrível e maravilhoso Soberano que nós provamos e vemos com o coração.

Jonathan Edwards “Nova visão” de Deus

Jonathan Edwards lutou com Deus, em sua juventude, na Nova Inglaterra, há 250 anos. Ele escreveu em “Narrativa Pessoal”

Desde a minha infância, minha mente estava cheia de objeções contra a doutrina da soberania de Deus... Mas, eu me lembro muito bem do tempo em que eu parecia estar convencido, e plenamente satisfeito, em relação a esta soberania de Deus... Houve uma alteração maravilhosa em minha mente no que diz respeito à doutrina da soberania de Deus, a partir daquele dia em diante; de modo que eu quase nunca senti nascer sequer uma objeção a ela, no sentido mais absoluto... A primeira vez que me lembro de sentir esse doce deleite interior em Deus e nas coisas divinas que eu vivo até hoje, foi na leitura dessas palavras em 1 Timóteo 1:17: "Ora, ao Rei dos séculos, imortal, invisível, ao único Deus sábio, seja honra e glória para todo o sempre. Amém." Ao ler as palavras, veio à minha alma, e era como se fosse difundida através dela, um sentido da glória do Ser Divino, um novo sentido, muito diferente de qualquer coisa que eu tenha experimentado antes.

Edwards recebeu um "novo sentido", um "gosto", como o salmista diria, da glória e da soberania de Deus. Ele venceu todas as suas objeções e se humilhou ao pó. Ele falou de seu sentimento de pecado em palavras que são quase ininteligível em nossa cultura de auto-exaltação:

Eu tive uma sensação muito maior de minha própria maldade, e da maldade do meu coração, como nunca tive antes da minha conversão... Minha maldade, como eu sou em mim mesmo, há muito tempo pareceu-me perfeitamente inefável, e engolia todo o pensamento e imaginação; como um dilúvio infinito, ou uma montanha sobre a minha cabeça. Eu não sei como expressar melhor o que os meus pecados me parecem ser, do que acumulando infinito sobre infinito, e multiplicando infinito por infinito.

O que Deus procura em suas relações com seus filhos

Quando Deus nos deu um gosto de sua própria majestade e nossa própria maldade, então, a vida cristã se torna uma coisa muito diferente do que a piedade convencional. Edwards a descreve belamente quando ele diz:

Os desejos dos santos, porém sérios, são desejos humildes: sua esperança é uma esperança humilde, e sua alegria, mesmo quando ela é indizível e cheia de glória, é uma alegria humilde, a alegria com o coração partido, deixando o cristão mais pobre de espírito, mais como uma criança, e mais disposto a uma humildade universal de comportamento.

Isso é o que Deus procura em todas as suas relações com seus filhos - uma alegria de coração partido que confia como uma criança em Deus e devolve bem pelo mal.

Deus faz mais duas coisas nos sofrimentos de Jó

Foi até ai que Deus trouxe Jó, e para provar que Ele está satisfeito com a "alegria de coração partido" de Jó, Deus vai reverter a sorte de Jó e dar-lhe saúde, novos filhos e posses em dobro. Mas, antes que ele execute essa inversão na vida de Jó, Deus tem mais duas coisas para trazer através desta experiência de sofrimento.

1. A humilhação dos três amigos de Jó

Primeiro, ele tem como objetivo trazer Elifaz, Bildade e Zofar ao pó junto com Jó. Vamos ler 42:7-9,

Sucedeu que, acabando o SENHOR de falar a Jó aquelas palavras, o SENHOR disse a Elifaz, o temanita: A minha ira se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos, porque não falastes de mim o que era reto, como o meu servo Jó. Tomai, pois, sete bezerros e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferece holocaustos por vós, e o meu servo Jó orará por vós; porque deveras a ele aceitarei, para que eu não vos trate conforme a vossa loucura; porque vós não falastes de mim o que era reto como o meu servo Jó. Então foram Elifaz, o temanita, e Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita, e fizeram como o SENHOR lhes dissera; e o SENHOR aceitou a face de Jó. Jó 42:7-9

Deus procura humilhar esses três amigos de Jó de duas maneiras. Ele diz que eles estão teologicamente errados, e ele faz com que eles busquem o perdão através daquele a quem haviam injuriado.

No versículo 7, Deus diz: "Você não tem falado de mim o que é certo, como o meu servo Jó". Agora Deus tinha acusado Jó de ter escurecido o conselho sem conhecimento (38:2; 42:3), então ele não quer dizer que tudo que Jó disse estava correto. Mas, quando se trata da disputa entre Jó e os seus três amigos, ele estava com a razão.

Eles haviam dito que os ímpios sofrem e que os justos prosperam. Jó tinha dito que o mundo não comprova tal coisa: os maus prosperam, muitas vezes mais do que os justos e os justos muitas vezes sofrem mais do que os ímpios. Jó estava certo.

Não só isso, os três amigos viram toda a justiça se manifestar nesta vida. Mas, Jó finalmente reconheceu a verdade de que muito do que está errado no mundo seria corrigido na vida após a morte (19:25-27). Jó estava certo.

Então, Deus humilhou esses três amigos, mostrando-lhes que quem eles condenaram era de fato um teólogo muito melhor, mesmo não sendo perfeito.

Mas a humilhação ainda não estava completa. Eles não poderiam simplesmente ir para suas salas de oração e falar uma simples oração de perdão e assim acabar com o problema. Eles deveriam ir até Jó com os seus sacrifícios e pedir-lhe para orar por eles. Esta deve ter sido uma coisa profundamente humilhante. Aquele a quem eles tinham acusado de estar longe de Deus deve transformar-se em seu sacerdote para trazê-los para perto de Deus. Em outras palavras, Deus está dizendo que a única maneira dos três amigos experimentarem a reconciliação com Deus é através da experiência de reconciliação com Jó. Eles devem se humilhar diante de Jó, e não apenas diante de Deus.

Mas serve para os dois lados.

2. A prova de arrependimento de Jó

Há uma segunda coisa que Deus está fazendo, antes que ele restaure a sorte de Jó: ele está provando o arrependimento em Jó. Quando os três amigos vão à procura de Jó e de sua intercessão diante de Deus, não é apenas a sua humildade que está em julgamento! Jó está agora sendo solicitado a amar seus inimigos e orar por aqueles que abusaram dele. Ele está sendo convidado a abençoar aqueles que o amaldiçoaram e a não retribuir o mal com o mal.

E ele ainda é um homem muito doente! Deus ainda não inverteu a sua miséria. Por quê? Qual é a lição aqui? Não é o mesmo que Mateus 6:14?

Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós; Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas. Mateus 6:14-15

Em outras palavras, é através do arrependimento e da fé que recebemos o perdão de Deus. Mas a genuinidade do arrependimento, a autenticidade da fé, a realidade da sua mudança de coração deve ser provada na sua vontade de perdoar aqueles que pecaram contra você. Se o perdão de Deus para um pecador arrependido não flui através dele, a outros, o perdão de Deus foi uma ilusão. Ele ainda está em seus pecados.

Então Deus coloca Jó em um último teste. Será que ele vai abaixar as armas da vingança e aceitar os termos do tratado de Deus e estender a anistia aos seus três amigos da mesma maneira que Deus fez com ele? Sim. Jó passa no teste. Ele é um homem quebrantado. Seus próprios pecados o jogaram no pó e na cinza. Como ele pode exaltar-se acima de um outro homem? Como ele não dará o perdão se ele mesmo foi livremente perdoado? Assim termina o versículo 9, "O Senhor aceitou a oração de Jó".

Conclusão

Assim, o livro se encerra com o orgulho na vida de Jó sendo retirado pelo crivo do sofrimento, a má teologia de seus três amigos é corrigida e a sua tolice humilhada, a irmandade dos servos de Deus restaurada e purificada, e a honra do nome de Deus vingada em relação as acusações de Satanás.

Que o Senhor nos conceda a graça para aprender que seus caminhos podem não ser os nossos caminhos e os seus pensamentos podem não ser nossos pensamentos, mas mesmo assim os caminhos de Deus são os mais sábios de todos, e estão cheios de misericórdia para todos aqueles que amam a Deus e são chamados segundo o seu propósito.

O resumo do livro, em Tiago 5:11, está no correto:

Eis que temos por bem-aventurados os que sofreram. Ouvistes qual foi a paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu; porque o Senhor é muito misericordioso e piedoso. Tiago 5:11